



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARIA DE FÁTIMA MACÁRIO DE OLIVEIRA

**AS EXPERIÊNCIAS DOS MAIS VELHOS DA COMUNIDADE DO MUQUÉM EM
PENTECOSTE-CE COM O RIO CANINDÉ**

REDENÇÃO-CE

2025

MARIA DE FÁTIMA MACÁRIO DE OLIVEIRA

**AS EXPERIÊNCIAS DOS MAIS VELHOS DA COMUNIDADE DO MUQUÉM EM
PENTECOSTE-CE COM O RIO CANINDÉ**

Projeto de Pesquisa apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Jon Anderson Machado Cavalcante

REDENÇÃO

2025

RESUMO

Este projeto de pesquisa tem como objetivo geral compreender as experiências dos mais velhos da comunidade do Muquém com o Rio Canindé, e suas percepções sobre as transformações ao longo do tempo e seus reflexos na comunidade. Pretende-se, ainda, descrever as experiências dos mais velhos com o Rio Canindé, como também identificar quais as principais mudanças ocorridas no Rio Canindé ao longo do tempo, de acordo com os relatos dos mais velhos e entender como essas mudanças refletem a relação do rio com a comunidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca a partir de diálogos com os mais velhos compreender como o cotidiano da comunidade se dá em relação a presença do rio no território. Será realizada na comunidade rural de Muquém na cidade de Pentecoste-CE com pelo menos 6 ou 8 pessoas com mais de 60 anos que morem a pelo menos 3 décadas na comunidade. Por fim, a intenção é levar esse debate à comunidade, buscando, com isso, promover avanços na forma de cuidado e no fortalecimento do autorreconhecimento enquanto comunidade rural. Além disso, realizar devolutivas junto da comunidade, a partir do que for discutido e refletido com e entre os/as participantes.

Palavras-chave: Território; Comunidade; Rio; Idosos.

ABSTRACT

The general objective of this research project is to understand the experiences of the elderly in the Muquém community with the Canindé River, and their perceptions about the changes over time and their impact on the community. It also aims to describe the experiences of the elderly with the Canindé River, as well as to identify the main changes that have occurred in the Canindé River over time, according to the reports of the elderly, and to understand how these changes reflect the relationship between the river and the community. This is a qualitative research that seeks, through dialogues with the elderly, to understand how the daily life of the community occurs in relation to the presence of the river in the territory. It will be carried out in the rural community of Muquém in the city of Pentecoste-CE with at least 6 or 8 people over 60 years old who have lived in the community for at least 3 decades. In the end, the goal is to bring this discussion back to the community, aiming to foster improvements in how care is practiced and to strengthen the community's self-recognition as a rural population. In addition, provide feedback to the community, based on what is discussed and reflected upon with and among the participants.

Keywords: Territory; Community; River; Elderly.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	7
2.OBJETIVOS	10
2.1 OBJETIVO GERAL	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3.JUSTIFICATIVA	11
4.DISSCUSSÃO TEÓRICA	15
4.1 Territórios e Comunidade do Muquém	15
4.2 O Rio Canindé: diferentes atitudes diante do rio	18
4.3 Os mais velhos da comunidade do Muquém e o Rio Canindé	21
5.METODOLOGIA	25
REFERÊNCIAS	27

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Campo de futebol e da Capela da comunidade	8
Figura 2 – Rio cheio na passagem do Muquém	11
Figura 3 – Ingazeira à margem do rio	21
Figura 4 – Ingazeira durante o período de estiagem	22

1. INTRODUÇÃO

Nasci e vivi por vinte anos na comunidade do Muquém, localizada a 36 km da sede do município de Pentecoste, no interior do Ceará. Em meu território, atravessado pelo Rio Canindé, cresci vendo no rio uma das principais referências da vida comunitária. Como os/as moradores/as em sua maioria são católicos, sempre compreendemos sua presença como uma espécie de graça divina, dada a importância de um recurso hídrico em meio ao clima semiárido e à paisagem da caatinga.

Durante boa parte da minha vida, essa relação entre o rio e a comunidade me parecia natural, quase óbvia, pois fazia parte do cotidiano, das conversas, das práticas e dos afetos que me formaram. Contudo, foi apenas ao ingressar no Bacharelado em Humanidades, na Unilab, especificamente durante a disciplina de Território e Poder, que passei a compreender essa relação como algo único e profundamente significativo, e até político.

Percebi que o Rio Canindé não apenas atravessa geograficamente o Muquém, mas também conecta seus moradores por meio de memórias, práticas e sentidos compartilhados, sendo um elemento fundamental na constituição da identidade local. E essa percepção se torna ainda mais potente quando se considera que os mais velhos da comunidade viveram outras fases dessa relação, anteriores à minha geração, e carregam consigo experiências que, em parte, permanecem vivas, enquanto outras se perderam com o tempo.

Diante disso, o problema que irei abordar neste projeto de pesquisa é: Como os mais velhos da comunidade do Muquém experienciam a relação com o Rio Canindé, e de que maneira percebem as transformações ocorridas ao longo do tempo e seus impactos na vida comunitária?

O Muquém é uma comunidade rural com clima semiárido, situada na zona rural da cidade de Pentecoste, no interior do estado do Ceará. Especificamente, localiza-se no distrito de Matias, um dos quatro distritos que compõem o município, ao lado de Porfírio Sampaio, Sebastião de Abreu e da sede municipal. Como já mencionei, trata-se de uma comunidade majoritariamente católica. Por isso, a igreja local, a Capela da Sagrada Família, constitui o principal espaço de encontro e convivência entre os/as moradores/as.

É nesse ambiente que nos reunimos regularmente para momentos de oração, partilha e vivência coletiva. A igreja também desempenha um papel central na promoção da cultura local, sendo utilizada para a realização de eventos religiosos e culturais, como as coroações marianas, os terços de São José, as novenas da Sagrada Família, além de atividades como rifas, celebrações do Dia da Família e noites culturais.

De acordo com os levantamentos prévios que realizei para a produção deste projeto, a comunidade é atualmente habitada por cerca de 35 famílias, embora eu não disponha de dados oficiais que confirmem esse número com precisão. Outro ponto importante a destacar é que, desde 2021, nossa comunidade vem passando por um processo de mudança administrativa em parte do seu território. Um dos lados da comunidade, dividido pela passagem do rio, foi anexado ao município de Apuiarés, localizado a aproximadamente 120 km de Fortaleza.

Figura 1- Campo de futebol e da Capela da comunidade



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Essa mudança, no entanto, não alterou a forma como nos autos reconhecemos enquanto comunidade, ao menos não sob meu ponto de vista. No que diz respeito à parte do território onde nasci e onde considero ser minha casa, ela permanece vinculada ao município de Pentecoste. Por esse motivo, a pesquisa será desenvolvida a partir do entendimento de que estamos inseridos neste município. Assim, o nome da cidade aparece no título e será frequentemente retomado ao longo deste trabalho.

Mesmo com essa nova separação política, seguimos nos reconhecendo como parte de um mesmo território. O sentimento de pertencimento ao Muquém vai além das fronteiras oficiais, ele é sustentado pela memória compartilhada, pela convivência diária, por tudo aquilo que construímos juntos ao longo do tempo, e pelo que já estava até mesmo antes de chegarmos.

Pois nem ao menos nossos moradores mais antigos conseguem afirmar com precisão quando o Muquém teve início ou de onde surgiu o nome que o nomeia. Pelas histórias que escutei ao longo da minha vida, o nome estaria relacionado a uma árvore, embora eu nunca tenha identificado tal espécie na comunidade.

A partir do que os mais velhos compartilham, compreendo que se trata de uma localidade muito antiga, de difícil acesso, que se estabeleceu aproveitando a fertilidade do solo existente às margens do rio Canindé e dos riachos que ainda hoje cortam a região. Um desses cursos d'água recebe o nome de “Riacho do Muquém”, iniciando-se na comunidade de Muquenzinho e desaguando no trecho do rio que atravessa o Muquém.

Assim como nossa comunidade atualmente, o rio Canindé também não está limitado a fronteiras municipais. Segundo Francisca Máirla Gomes Brasileiro (2016), em seu estudo sobre os impactos ambientais no Rio Canindé, ele nasce na cidade de Itatira e segue por Canindé, Caridade, Paramoti e, por fim, chega a Pentecoste, onde deságua no Açude Pereira de Miranda.

É inevitável falar da nossa história sem mencionar o rio, sem reconhecer como, no Muquém, as pessoas compreendem o privilégio de viver em uma região marcada pela fertilidade do solo e pela abundância de água. Por isso, ao decidir que minha pesquisa teria como foco a comunidade do Muquém, optei por recortar a relação com o rio como eixo central. Isso porque o rio, assim como nós moradores e moradoras, é parte viva da comunidade.

Além de ter atravessado transformações ao longo do tempo, ele também foi agente dessas mudanças, influenciando diretamente modos de vida, deslocamentos e vínculos com o território. Essa escolha se justifica ainda mais ao considerar que, com as mudanças ambientais e sociais na região, entender essa relação pode ajudar a preservar saberes locais e fortalecer o vínculo da comunidade com o seu território.

Ao focar na relação dos mais velhos com o rio, busco também ressaltar o valor dos seus ensinamentos, das suas histórias, de suas memórias, das experiências vividas, do respeito que temos por eles e do sentido de ancestralidade, por isso o uso do termo “mais velhos”. Acredito que os idosos têm uma visão bastante profunda das transformações que ocorreram ao longo do tempo e são capazes de mensurar com mais precisão as mudanças vividas pela comunidade e pelo rio.

Além disso, ressalto que, assim como a questão orientadora aborda, entender como os idosos e idosas da comunidade do Muquém vivem sua relação com o rio e conseguem perceber suas mudanças com o tempo é essencial para percebermos os impactos dessas transformações na vida cotidiana da comunidade.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as experiências dos mais velhos da comunidade do Muquém com o Rio Canindé, e suas percepções sobre as transformações ao longo do tempo e seus reflexos na comunidade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever as experiências dos mais velhos com o Rio Canindé;
- Identificar quais as principais mudanças ocorridas no Rio Canindé ao longo do tempo, de acordo com os relatos dos mais velhos;
- Entender como essas mudanças refletem a relação do rio com a comunidade.

3. JUSTIFICATIVA

Desde a minha infância, o Rio Canindé esteve presente no cotidiano do Muquém, local onde nasci. Para muitos de nós da comunidade, o rio não é apenas um curso d'água, mas um elemento central na vida da comunidade, servindo como local de lazer, convívio social, e sustento em muitos casos. As memórias e histórias dos banhos de rio, pescaria, lavagens de roupa, travessias para o outro lado vividas e contadas pelos mais velhos reforçam ainda mais a importância e o impacto desse espaço para nossa comunidade e nossos modos de vida.

Figura 2- Rio cheio na passagem do Muquém



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Assim, com o passar do tempo comecei a perceber que haviam mudanças na relação das pessoas com o rio. Alguns hábitos foram modificados, outros foram implementados, como a diminuição da ida até o rio, que antes era algo diário e que se tornou uma atividade esporádica, ou por exemplo com a instalação de água encanada, as lavagens de roupas e a busca por água para os afazeres domésticos no afluentes diminuíram drasticamente. Partindo dessa percepção, surgiu em mim o interesse de investigar essa relação, buscando entender como o Rio Canindé influencia a vida da comunidade e como essa interação tem se transformado ao longo dos anos.

Diante disso, enxergo esse estudo ainda mais relevante considerando a importância dos recursos hídricos para populações e as mudanças tanto ambientais quanto sociais podem exercer sobre esses grupos. Portanto, minha motivação para essa pesquisa é baseada tanto em minha vivência pessoal quanto na necessidade de documentar e valorizar essa relação, contribuindo para um melhor entendimento da dinâmica entre o Muquém e o Rio Canindé. Não obstante, a escassez de pesquisas, dados e informações sobre comunidades rurais de Pentecoste, que percebi durante minha busca teórica, torna este projeto de grande relevância social. Pois é

necessário promover um debate sobre a relação entre a comunidade e o rio é essencial para trazer à tona questões pertinentes que não são vistas como deveriam.

Logo, esse debate não apenas dará visibilidade às formas de vida social em locais como o Muquém, mas também nos permitirá compreender sua organização e os usos e cuidados com os recursos hídricos em regiões de clima semiárido, frequentemente afetadas por secas. Servindo como um campo de informação sobre a comunidade, já que são pouquíssimos os meios onde se pode saber sobre essas questões.

Ainda, de acordo com o panorama do Censo 2022 a população de Pentecoste, que soma 37.813 habitantes, possui 35,1% destes em zona rural, o que equivale a 13.275 habitantes. Ademais, de acordo com o Jornal O povo, o estado do Ceará obtiveram queda no número de moradores de zona rural entre 2010 e 2022, a porcentagem foi de 25% para 23,1% nesses 12 anos. Segundo Brasileiro et al. (2016), em uma pesquisa que incluiu a comunidade do Muquém na área estudada, percebe-se uma dependência do período chuvoso, que influencia tanto o desenvolvimento das comunidades quanto a busca por terras mais férteis às margens do rio, devido à escassez de água na região.

Nesse contexto, entendo que o Rio Canindé desempenha um papel essencial na vida dos moradores dos territórios em que ele se encontra, sendo um recurso fundamental para a agricultura, a subsistência e outras atividades do cotidiano. Compreendermos essa relação é essencial para analisar os desafios enfrentados pela comunidade e pensar em estratégias que possam nos ajudar a contribuir para o seu desenvolvimento sustentável.

Aja vista o fato de nossa comunidade se inserir no bioma da caatinga e estar em uma área de clima semiárido, o que dá ao rio uma importância muito maior no nosso território, que estando propenso a eventos de seca, encontra no afluente alternativas para o combate dessa problemática, onde a comunidade pode usá-lo na construção de poços para abastecimento de água, na irrigação de plantações, como também para saciar os animais que em períodos como esses também são afetados pela seca.

Ademais, acredito que pesquisar sobre a relação do rio com os idosos da comunidade, assim como descrever as experiências desses idosos com o rio e identificar quais as principais mudanças ocorridas no Rio Canindé ao longo do tempo, de acordo com o relato deles, pode despertar nos moradores a percepção da importância de seus modos de vida, e fazer com que estes compreendam que seus saberes e histórias podem servir de base para a valorização e preservação tanto do afluente quanto da própria história da nossa comunidade, principalmente nossas idosas e idosos,

Pois construir uma pesquisa onde o foco são as percepções e modos de vida dessas pessoas, e entender como essas mudanças refletem a relação do rio com a comunidade, as colocam em um papel primordial para resolução das questões levantadas, e sem elas não há como debater esse tema. Desse modo, estas, são o centro da minha futura pesquisa, que por sua vez servirá como um fortalecedor para as raízes sociais do povo da minha comunidade, e futuramente também como uma fonte escrita de nossas histórias e das histórias anteriores a nossa estada aqui, tendo assim uma fonte oficial escrita com essas experiências.

Concluo, no entanto, que, essa pesquisa reforçará a importância da presença do Rio Canindé no Muquém não apenas como um recurso hídrico, mas como parte de um contexto histórico, político e afetivo da comunidade, que esteve, está e será sempre um ponto de união e reconhecimento dos moradores.

Ressalto que a realização desta pesquisa terá uma enorme contribuição para a minha formação humana e profissional, pois possibilitará o desenvolvimento de um olhar mais atento e uma compreensão mais profunda nas relações rio comunidade, já que essa experiência exercitará a escuta ativa e a valorização dos saberes locais, repassados pelas idosas e idosos, para mim e posteriormente para os futuros pesquisadores do Muquém.

Como moradora da comunidade, esse contato me aproximará das pessoas e me possibilitará aprender diretamente com elas. Assim, o estudo me permite fortalecer o vínculo com o lugar ao qual pertenço e as pessoas com quem convivo. E com nossos mais velhos, que percebo serem tratados de uma forma muito respeitável pelos outros moradores, acredito que isso venha da noção que temos da importância de suas presenças e saberes, que nos permite enxergar e compreender nuances que caso dependesse apenas de nossas percepções passariam despercebidas.

Além disso, ao ouvir as histórias da comunidade passo a enxergar com mais profundidade a importância dos laços culturais, da memória coletiva e do pertencimento ao território, despertando junto com esses fatores o senso de responsabilidade social contribuindo para que aja de maneira mais consciente e engajada, não somente como pesquisadora, mas também como cidadã.

No que tange o âmbito profissional, essa investigação aprimorará minhas habilidades de pesquisa, análise crítica e escrita acadêmica, que são fatores fundamentais para a minha trajetória acadêmica e atuação no campo da pesquisa científica. O contato direto com fontes orais e textos científicos me ajudarão a desenvolver a capacidade de interpretar e contextualizar informações, que compreendo como fator imprescindível para discentes do BHU, enquanto o

processo metodológico me prepara para trabalhos científicos e projetos que envolvam comunidades rurais e recursos naturais.

Por fim, ressalto que durante o curso já tive a experiência de pesquisar sobre o Muquém, na disciplina de Oficina de Metodologia desenvolvi um trabalho sobre as mulheres empreendedoras da comunidade, e nessa oportunidade consegui perceber os diversos caminhos que poderia seguir pesquisando sobre meu território. Assim compreendo que desenvolver esse tema dentro de uma perspectiva que parte do Bacharelado em Humanidades, e mais especificamente da UNILAB, abre espaço para o diálogo entre saberes tradicionais e saberes acadêmicos.

Pois, a partir da ideia de uma universidade decolonial onde outras formas de saberes e conhecimento, na teoria devem dialogar com o conhecimento científico, ter como resultado do processo de aprendizagem do BHU um trabalho que tenha como fonte uma comunidade rural, que pesquise as relações dessa comunidade, as idosas e idosos presentes com os seus aspectos naturais, nesse caso o rio, usando como base os relatos dos moradores e suas vivências, pode ser visto como a prática dos debates teóricos.

Estendendo ainda mais essa abordagem acadêmica, é relevante ressaltar que a perspectiva interdisciplinar desempenha um papel fundamental na construção desta pesquisa. Para identificar quais campos do conhecimento explicam determinados fatores, considero essencial compreender que uma única área do saber não é suficiente. Por exemplo, há fenômenos facilmente identificados pela Antropologia que poderiam passar despercebidos pela Geografia. No entanto, não é possível pesquisar um rio sem considerar suas coordenadas, a região e as cidades presentes em seu percurso.

Além disso, ao focar na relação das pessoas idosas com o rio, a História torna-se essencial para compreender como a realidade atual foi construída e quais processos levaram a essa configuração, e sendo essa a terminalidade que pretendo seguir após a conclusão do BHU tenho a pretensão de abordar esses aspectos a partir de conceitos históricos, que considero pertinentes para essa narrativa. Portanto, sem reconhecer a importância da pesquisa interdisciplinar e seus fundamentos, este trabalho até poderia ser realizado sob outra perspectiva, mas não considero que abrangeria questões essenciais para uma conclusão mais completa e aprofundada.

4. DISCUSSÃO TEÓRICA

4.1 Territórios e Comunidade do Muquém

Diante desse debate sobre comunidades rurais, rios e do nosso objetivo de compreender as experiências dos mais velhos da comunidade do Muquém com o Rio Canindé, suas transformações ao longo do tempo e seus reflexos na comunidade é importante levantarmos aqui algumas questões pertinentes.

Em minha experiência no componente Território e Poder durante uma visita ao território indígena Pitaguary na cidade de Pacatuba onde já havíamos debatido conceitos sobre território, como os do Geógrafo Milton Santos, percebi o quão rico seria trazer o debate sobre comunidades rurais.

Dessa forma, para Milton Santos (2007), o território é o lugar onde ocorrem as ações do homem, envolvendo seus sentimentos, suas forças, fraquezas e experiências. Para ele, é no território que a história e a existência do sujeito se manifestam.

A definição de Santos sobre o que é o território vai além da ideia de um simples lugar habitado. Ele deixa claro que o território é a união de pessoas, sentimentos e vidas. Essas vidas, inclusive, não se restringem às humanas: no contexto rural, que é o ponto da minha pesquisa, englobam também os rios, as matas e os bichos. Além disso, Santos ressalta a importância do acontecimento e da realização do cotidiano.

No caso dos territórios rurais, como na minha comunidade, é fundamental destacar que esses acontecimentos surgem, em grande parte, da interação entre o ser humano e a natureza, bem como das formas desenvolvidas de convivência entre eles nesse espaço compartilhado.

Ademais, sua definição sobre espaço nos ajuda a entender ainda mais essa relação mútua e contribui na busca de nosso objetivo. Assim, de acordo com ele

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social. (Santos, 1988, p. 9)

Com isso, Santos nos ajuda a entender que o espaço é muito mais que um ponto geográfico ou uma área delimitada, o espaço não seria o que é se não houvesse nele a interação entre os seus, seja o movimento da sociedade, seja a presença fixa de seus monumentos, ou a vida natural das florestas, córregos e animais. E ainda enfatiza que todas essas ações não são independentes uma da outra, fazendo entender que a interação entre cada uma dessas é parte

vital na manutenção do espaço habitado. Outro ponto interessante é perceber como as definições de Santos acerca de território e de espaço conversam, e como estas enfatizam a interligação humano e ambiente.

Assim, compreender o espaço como resultado das interações entre elementos sociais, naturais e culturais nos permite avançar para reflexões mais profundas sobre os vínculos que os sujeitos constroem com os lugares que habitam. No caso do Muquém, estamos localizados em área rural, essa relação se manifesta de diversas formas, quando vamos ao rio caminhar, quando cruzamos para o outro lado ou na pesca e banho, dentre outras atividades que buscarei retratar aqui que compõem nosso cotidiano e enriquece nossa relação com o rio e o território.

É nesse sentido que considero a noção de terra-território, conforme desenvolvida por Emília Pietrafesa de Godoi, essencial para ampliar o nosso entendimento de espaço, incorporando dimensões simbólicas, identitárias e sociais, que marcam a vivência das populações em seus territórios.

Logo, Godoi (2023) afirma que: “A terra-território não é uma superfície homogênea e de apropriação indiferenciada. Há que se observar uma gramática de relacionamentos entre homens e mulheres com a terra e também com outros seres que participam do espaço de vida.” (Godoi, 2023, p. 16). Aqui, a autora traz ao debate a relação entre homens, mulheres a terra e os demais seres presentes na realidade vivida. Ou seja, sua definição exemplifica fenômenos sociais como o que trazemos nessa pesquisa.

Sua reflexão contribui para aprofundar o que Santos aponta sobre o território, ao destacar que não há como compreendê-lo sem considerar as relações sociais que o constituem. Para ela, entender essas relações exige atenção ao espaço onde determinadas atividades humanas se desenvolvem, revelando o território como expressão de vivências, práticas e afetos.

No caso da minha pesquisa, onde o foco é o Muquém, que está inserido no semiárido nordestino e no bioma Caatinga, nossas relações ganham contornos próprios. A interação com o ambiente local, marcada por seus desafios e potencialidades, reflete uma vivência territorial singular. A Caatinga, como veremos adiante, é um território vulnerável, frequentemente afetado por fenômenos naturais, como secas prolongadas, o que influencia diretamente o modo como os moradores, os idosos por exemplo, se relacionam com elementos fundamentais à sua história e sobrevivência, como o Rio Canindé, no nosso caso.

Dando continuidade ao que previamente debatemos sobre a caatinga, e enfatizando que é importante entrar neste ponto para que consigamos compreender as experiências dos mais velhos da comunidade do Muquém, suas transformações ao longo do tempo e seus reflexos na

comunidade, trago a abordagem de Freire em sua pesquisa para a fundação Joaquim Nabuco, que enfatiza essa certa fragilidade de nosso bioma

A Caatinga, sendo o único bioma exclusivamente brasileiro e, ainda hoje, o menos estudado, passa por um contínuo e sistemático processo de degradação ambiental. O consumo de seus ativos ambientais ao longo do período da ocupação europeia e, mais recentemente, dos variados processos econômicos e sociais que se instalaram na região e que de alguma forma e intensidade vêm explorando de maneira não sustentável seus limitados recursos naturais, indicam que o Bioma Caatinga está sob forte ameaça quanto à conservação de sua biodiversidade. (Freire, 2020. p.18)

A compreensão da caatinga como um bioma ameaçado, conforme Freire (2020), amplia a percepção sobre os desafios enfrentados por comunidades inseridas nesse território. Logo, nesse contexto de fragilidade a presença de um rio adquire um valor ainda mais potente. Como no nosso caso, que, sendo o Muquém situado em uma região de clima semiárido, temos no rio muito mais do que um elemento da paisagem, mas também uma alternativa para possíveis períodos de escassez de água, prejuízos na agricultura e insegurança alimentar que advém da seca.

Ademais, para comunidades como a nossa, mais do que um recurso hídrico, o rio se inscreve no território como um ente estruturante das práticas cotidianas, interações sociais e da memória individual e coletiva dos moradores, especialmente os mais velhos.

Essa ideia se interliga com o que abordou Ribeiro (2012) acerca da relação dos ribeirinhos com os rios de seu território, ele traz uma perspectiva aprofundada dessa interação que estamos falando, incluindo não só os fatores humanos, mas também naturais e não se limitando apenas os rios. De acordo com ele:

Essa relação entre o homem ribeirinho, as águas e a mata é o principal fio condutor do seu cotidiano. Esta ligação é representada nas atividades de subsistência, como a caça, as plantações de hortas, a construção de moradias e principalmente a pesca, quando apresenta a organização da plantação conforme o movimento do rio, as moradias são construídas a margem deste organizando o espaço das localidades, identifica-se uma relação muito particular e envolvente, há uma relação do sentimento de gostar deste grupo social para com a natureza e em prol dela que possam garantir sua sobrevivência. (Ribeiro, 2012, p.85)

A abordagem de Ribeiro (2012) reforça a complexidade da relação entre os sujeitos e os elementos naturais que compõem seus territórios, e dialoga com a ideia de Godói (2023) da Terra-território, especialmente nesses contextos onde a vida existe em meio a um grande rio, por exemplo. A interação entre esses e o cotidiano da comunidade não se restringe a uma lógica de uso e aproveitamento dos recursos naturais, mas nos revela uma dimensão afetiva, respeitosa e simbólica que configura não só os modos de vida como também as organizações espaciais, como o autor apresenta.

4.2 O Rio Canindé: diferentes atitudes diante do rio.

Assim, para melhor compreender a relação das/os moradoras/os da comunidade do Muquém com o Rio Canindé, e suas percepções sobre as transformações ao longo do tempo, e para adentrar ainda mais no que discutimos previamente, é necessário abordar nossos pontos especiais, como já introduzimos a significativa importância de um rio na vida de seus companheiros de território, e como os idosos se inserem nessa questão, agora é interessante ter noção da presença e importância do nosso próprio rio.

O Rio Canindé, como já mencionado, nasce na cidade de Itatira, e foi uma das peças fundamentais para a formação da cidade de Pentecoste, onde se localiza o Muquém, ao menos em parte. No livro Pentecoste e sua História, que era constantemente utilizado em sala durante meu ensino fundamental na escola do Muquém, o já falecido José de Anchieta e Silva, conhecido na cidade como Sr. Zuza, relata que:

Alguns transeuntes, de passagem pela estrada de São Francisco (Itapajé) a Soure (Caucaia), procurando um atalho para chegarem a algumas fazendas da freguesia de Canindé, começaram a sentir atração pelas terras férteis das margens dos rios Canindé, Curu e Capitão-Mor. Havia uns poços na confluência dos rios Canindé e Curu, onde era grande a abundância de peixes (Silva, 2013, p 51).

Essa relação histórica e simbólica entre o rio e a cidade de Pentecoste ultrapassa os registros oficiais e permanece viva na memória dos moradores. Seja na história oficial de Pentecoste ou na memória dos moradores mais antigos, o rio ocupa um papel fundamental nas dinâmicas da cidade, desde sua fundação até os dias atuais. Sua relevância se estende tanto à sede do município quanto às áreas do interior, que, a meu ver, são as que mais reconhecem o rio como um ser de extrema importância, para além de seu valor econômico.

Ainda assim, é importante admitir que o afluente exerce um papel importante em questões econômicas e políticas, como a extração de areia, a utilização de trechos para a construção de poços para animais, canais de irrigação, dentre outras atividades. Essas práticas evidenciam como o rio se insere nas dinâmicas do território, não apenas como recurso natural, mas como elemento estruturante da vida social e produtiva local.

No que tange ao contexto político, dentre tantas questões, acho relevante trazer aqui a União das Associações do Vale do Rio Canindé, recordo-me de quando criança ouvir falar dos eventos realizados por esta instituição afim de destacar e contribuir para a melhoria das comunidades parceiras, e lembro-me também de presenciar a participação de pessoas do Muquém nesses eventos.

De acordo com Sousa (2005), a UAVRC foi criada a partir da mobilização de doze comunidades, entre elas Muquém, Irapuá e Várzea Comprida, que se organizaram

coletivamente com o objetivo de proteger os rios da região e lutar por melhores condições de vida. A associação, presidida inicialmente por Gilberto da Costa Bezerra, realiza reuniões mensais, sempre no terceiro domingo, adotando um sistema de rodízio entre as comunidades participantes. Essa dinâmica fortalece tanto o vínculo entre os moradores quanto a gestão conjunta dos recursos hídricos.

Como pude perceber, a pesquisa foi realizada no mesmo ano em que a associação teve início. Por isso, considero natural supor que, desde então, sua forma de atuação tenha passado por mudanças, como a entrada de novos membros e o fortalecimento de suas práticas coletivas, pois pelo que acompanho pelas redes sociais a associação segue ativa.

O que me chama atenção, a partir das informações sobre a UAVRC, é como as comunidades envolvidas demonstram profundamente a compreensão de que o rio não é apenas um recurso natural, mas também uma questão política, central para garantir uma convivência social mais justa e equilibrada entre os moradores.

Ademais, a criação da UAVRC, por si só, já demonstra que os moradores têm consciência da importância de se organizar coletivamente para defender seus direitos. Percebo que essa união entre comunidades reflete a noção de que, diante das dificuldades enfrentadas, é por meio de movimentos organizados que se torna possível reivindicar, negociar e garantir seus direitos.

Além das formas de organização coletiva, como é o caso da UAVRC, a relação das comunidades com o rio também se expressa por meio de práticas cotidianas que envolvem o uso direto de seus recursos. Uma dessas práticas é a extração de areia, que ocorre em diversas partes do Rio Canindé, tanto no Muquém quanto em outras comunidades. Essa atividade acontece em diferentes escalas, desde pequenas quantidades destinadas ao uso pessoal até a extração em maior volume, feita há anos, independentemente da concordância ou não dos moradores com essa demanda.

Essa demanda por areia não ocorre apenas nas comunidades locais, mas também está relacionada a uma lógica mais ampla, que atravessa o território. Conforme destaca Nobre Filho (2011), o Rio Canindé integra a bacia hidrográfica do Curu, considerada de grande relevância econômica para o estado do Ceará. A proximidade desse afluente com a Região Metropolitana de Fortaleza contribui para que ele se torne um importante ponto de extração e exportação de areia destinada à capital, evidenciando o valor estratégico que lhe é atribuído dentro da lógica de exploração dos recursos naturais.

Partindo disso, percebemos que o fluxo de extração de areia ultrapassa os limites territoriais das comunidades ribeirinhas, ganhando dimensões maiores diante da crescente

demanda por esse minério em locais como Fortaleza. Ainda que a retirada de areia no Muquém ocorra em menor escala, ela se insere em uma lógica mais ampla de exploração de recursos naturais, que, muitas vezes, desconsidera os impactos sociais e ambientais gerados para as comunidades que vivem próximas ao rio.

As ações que mais podem gerar impacto negativo dizem respeito à escavação e desmonte do jazimento de areia, uma vez que implicarão em alterações nas características físicas do terreno, bem como provocarão a geração de partículas fugientes e a subtração de parte da cobertura vegetal existente. No entanto estes impactos são de pequena magnitude e de ação localizada” (Nobre Filho, 2011, p.154).

Aqui, ele enfatiza que essas atividades de extração de areia provocam mudanças nas características físicas da área em que ocorrem, como alterações na forma original e na disposição do solo. Além disso, geram poeira que pode se dispersar pelo ar e afetar o ambiente ao redor. Outro efeito dessa atividade é a retirada da vegetação presente na área de escavação, o que compromete o solo e o coloca em situação de vulnerabilidade.

Retomando ao que diz Ribeiro (2020) pode-se concluir que, no Muquém, as ações que ocorrem no rio e com o rio também nos afetam diretamente. Por exemplo, destacar determinada faixa da nossa areia para retirada e exportação para outra cidade compromete nossas estradas, nossas matas, os moradores, os animais e todo o entorno, pois a ligação entre o rio e quem vive aqui é muito próxima de forma afetiva, como também geograficamente falando.

E quando nos referimos a parcela idosa da população o efeito pode ganhar contornos maiores e com circunstâncias diferentes, pois podemos considerar que durante mais de 60 anos de convívio e uso do rio tais práticas são novas e talvez não sejam bem aceitas por eles, ou em outros casos pode inclusive levar riscos à sua saúde.

4.3 Os mais velhos da comunidade do Muquém e o Rio Canindé

Ademais, para além do afeto pelo seu território, nossos/as idosos/as têm consigo as ferramentas orais e simbólicas que os permite transmitir aos mais jovens suas histórias e a história da comunidade. Como já ressaltai aqui, as idosas e os idosos do Muquém são parte fundamental não só desta pesquisa, mas também da história e do presente da nossa comunidade.

Por meio da oralidade, temos acesso ao que existia e a como era o Muquém dos nossos antepassados. Seus saberes tradicionais nos oferecem a oportunidade de compreender como devemos nos relacionar com o nosso território.

Posso citar aqui como exemplo a prática de lavar roupas no rio, que não vivenciei muito, devido a chegada da água encanada, mas por contos orais sei que tal ação ocorria geralmente nos fins de semana, onde as mulheres geralmente acompanhadas de suas filhas desciam ao rio

com bacias de roupa até as sombras das oiticicas, que até hoje são presença abundante no rio. Tal prática, no entanto, não se limitava ao período do inverno, pois devido as “cacimbas” feitas no local havia água durante todo o ano.

Figura 3- Ingazeira à margem do rio



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Ressalto que minha comunidade faz parte de um número consideravelmente pequeno em relação ao abastecimento de água, de acordo com a PNAD Contínua, em 2023 apenas 32,3% das zonas rurais brasileiras possuíam água encanada, no que tange ao nordeste esse número aumentou para 43,9%, mas ainda sim não correspondia 50% da população.

Ademais, as “cacimbas” não eram apenas para as lavagens das roupas, elas serviam também para o abastecimento de água para as casas, que era feito quase todos os dias ao cair da noite, na oportunidade também, pelos relatos que costumo ouvir de outros moradores, as pessoas aproveitavam para se banhar no local, haja vista a escassez de água em casa para o banho.

Figura 4- Ingazeira durante o período de estiagem



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Esses acontecimentos como tantos outros não fazem parte da minha vivência na comunidade, mesmo assim tenho ciência deles devido o que me foi repassado pelos moradores mais velhos, que viveram tais experiências. Atualmente nenhuma dessas práticas ocorre mais, e vejo o rio sendo utilizado para outros meios como local para escavação de poços, e abastecimento de água para animais.

Ainda nessa perspectiva, em uma conversa informal com a agente de saúde do Muquém, ela afirmou que, conforme as diretrizes do Ministério da Saúde, que considera idoso pessoas acima de 60 anos, o Muquém possuía, em seu último levantamento, 17 pessoas idosas. Ela também destacou que, na região onde atua, é comum haver pessoas que estão completando tal idade frequentemente, o que também dialoga com o órgão federal sobre o aumento frequente da população idosa no Brasil.

Outro ponto observado é que durante o processo de elaboração deste projeto, deparei-me com a realidade de que os mais velhos do Muquém atualmente não são os mesmos da minha infância. Infelizmente, alguns faleceram, enquanto outros “novos idosos” chegaram, refiro-me às pessoas que recentemente completaram 60 anos.

Outra questão, foi a dificuldade em encontrar estudos teóricos sobre a vida dos nossos idosos, especialmente os que vivem no meio rural, como é o caso da nossa comunidade. A pesquisadora Adriana Alcântara (2016) aborda essa questão em sua pesquisa sobre o envelhecimento em contextos rurais.

Segundo ela, a escassez de estudos sobre o tema revela uma falta de interesse social em compreender essa parcela da população e os territórios nos quais estão enraizados. Alcântara

ainda alerta que essa ausência de informação contribui para a manutenção de estereótipos sobre os/as idosos/as e fragiliza a formulação e implementação de políticas públicas em saúde, educação e assistência social melhor direcionadas para esse segmento e território.

Embora seu estudo tenha sido realizado em 2016, portanto, nove anos atrás, e antes da pandemia da COVID-19, que teve os idosos como principal grupo de risco, achei relevante destacar um ponto importante: os relatos do chamado “tempo da fome” referindo-se a períodos de seca. Alcântara afirma: “Predominantemente presente nas falas o tempo da fome, haja vista a experiência de sucessivos períodos de seca, em especial, a de 1958, ocasionando a falta de trabalho. A experiência dessa situação reflete-se de forma muito constante no dia a dia.” (Alcântara, 2016)

Esse trecho me faz lembrar, de forma pessoal, dos diversos relatos que ouvi ao longo da vida de moradores antigos do Muquém, pessoas que viveram numa época em que não havia programas sociais de combate à pobreza, nem políticas públicas voltadas para o enfrentamento da seca, como poços profundos, cisternas ou barragens.

Atualmente, percebo que os mais velhos da minha comunidade ainda mantêm costumes e percepções semelhantes às das gerações anteriores. De certa forma, nós, os mais jovens, também herdamos parte dessas vivências. No entanto, acredito que os perfis vêm mudando em alguns aspectos importantes: hoje há idosos conectados às redes sociais, idosos que vivenciaram (ainda que sutilmente) avanços na área da saúde, além de muitos que se percebem como mais independentes, principalmente na gestão dos seus benefícios financeiros e na organização de suas rotinas diárias.

Percebo que, durante momentos de conversa ou quando a água começa a correr no trecho do rio, algumas questões são levantadas por essas pessoas. Além de notarem detalhes que muitas vezes nos passam despercebidos, elas possuem conhecimentos dos quais não temos ciência, e seguem resistindo em suas práticas de costumes, mesmo não podendo mais estarem presentes no roçado para plantar ou no rio para pescar decidem por pagar pessoas da comunidade para fazer isso, demonstrando assim o desejo de continuar suas ações herdadas do passado. Talvez isso se deva à sensibilidade adquirida pelo longo tempo de convivência com o rio ou pelas formações e experiências que vivenciaram ao longo da vida, e isso demonstra que o afeto ao território se estende ao rio.

Sendo assim, concluo com a compreensão de que os conceitos de Milton Santos acerca do que é território, do que diz Marcela Ribeiro ao tratar dos vínculos de ribeirinhos com o rio de seu são fundamentais para entender os processos que moldam a realidade dos idosos na comunidade do Muquém, sua relação com o território e, dessa forma, com o rio.

A escassez de estudos sobre o envelhecimento no meio rural evidencia a importância de olharmos com mais atenção para essas vivências, que são marcadas por experiências históricas, resistências cotidianas e transformações culturais, além de considerar essas pessoas e seus saberes indispensáveis para que aprendamos a conviver em harmonia com nosso território.

5. METODOLOGIA

Sendo assim, desenvolverei esta pesquisa a partir de uma abordagem qualitativa, pois, diante dos objetivos que me proponho a alcançar, de compreender as experiências dos/as idosos/as da comunidade do Muquém com o rio Canindé, suas percepções sobre as transformações ocorridas ao longo do tempo e os reflexos dessas mudanças na comunidade, entendo que essa é a metodologia que melhor se adequa às especificidades do meu objeto de estudo.

Busco, além de descrever essas experiências, identificar as principais mudanças percebidas no rio ao longo dos anos, segundo os relatos dos/as idosos/as, e compreender como essas transformações impactam a relação entre o rio e a comunidade.

Logo, opto pela abordagem qualitativa por compreender que, para alcançar tais objetivos, é necessário estabelecer um diálogo atento e sensível, capaz de acolher as vivências específicas que os participantes trarão para o debate.

Ademais, por também ser moradora da comunidade do Muquém e compreender que esta pesquisa possui um desdobramento afetivo e particular para nós, opto por conduzi-la a partir da perspectiva da pesquisa participante. Essa escolha tem como objetivo construir o conhecimento em conjunto com as pessoas diretamente envolvidas, respeitando seus saberes e valorizando suas vivências.

Para isso, pretendo utilizar técnicas que considero mais viáveis e potentes para essa construção coletiva. Uma delas será a realização de entrevistas narrativas, que permitirão uma maior fluidez nas conversas e possibilitarão que os/as participantes compartilhem suas experiências de forma livre. A outra será a promoção de rodas de conversa com os/as idosos/as, nas quais pretendo desenvolver atividades que favoreçam o resgate de memórias, histórias e acontecimentos significativos relacionados ao rio.

A partir dessa perspectiva, pretendo, ao concluir a pesquisa, retornar à comunidade para apresentar os resultados obtidos, de modo a partilhar os saberes construídos e possibilitar que suas manifestações e percepções estejam visíveis e valorizadas no trabalho final.

A ruptura com o paradigma positivista e com a hegemonia do saber científico enseja o debate epistemológico e metodológico em torno da pesquisa em ciências humanas. A ideia de comunidades interpretativas faz apelo a uma democratização do saber não apenas em seu momento de divulgação e “aplicação”, mas, além disso, na ordem de sua constituição ou produção. A prática da pesquisa participante é capaz de aglutinar em torno de si tanto a reflexão epistemológica que interessa à ruptura com o paradigma positivista quanto a apreensão crítica das dimensões éticas e políticas das pesquisas de campo, configurando metodologias que promovem uma relação com o outro próxima à ideia de comunidades interpretativas (Schmidt, 2006, p 13).

Então ressalto que, essa pesquisa será de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, será realizada com um grupo de idosos/as da comunidade do Muquém, localizada no município de Pentecoste, no interior do Ceará. Os/as participantes serão selecionados/as a partir de critérios como: ter idade igual ou superior a 60 anos, residir na comunidade há pelo menos 3 décadas e possuir vínculos afetivos ou experiências relacionadas ao rio Canindé, considero que seja um grupo de 6 a 8 pessoas.

A seleção será feita de forma intencional, com base em minhas observações acerca desses moradores, considerando a relevância das vivências que cada pessoa pode compartilhar. A coleta de dados será realizada ao longo de aproximadamente dois meses, com encontros presenciais marcados previamente com os/as participantes, de modo a respeitar seus horários e disponibilidade. As informações obtidas serão registradas em áudio (com autorização prévia) e, posteriormente, analisadas em relação aos objetivos abordados na pesquisa.

Por fim, minha intenção é levar esse debate à comunidade, buscando, com isso, promover avanços na nossa forma de cuidado e no fortalecimento do autorreconhecimento enquanto comunidade rural e ribeirinha. Além disso, pretendo realizar devolutivas junto da comunidade, a partir do que for discutido e refletido com e entre os/as participantes.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, Adriana de Oliveira. Envelhecer no contexto rural: a vida depois do aposento. In: *Da velhice da praça à velhice da roça: revisitando mitos e certezas sobre velhos e famílias na cidade e no rural*. Campinas, SP, 2010. p. 324-342.
- Brasileiro, Francisca Mairla Gomes. Diagnóstico dos impactos ambientais no Rio Canindé: contribuições teórico metodológicas para a gestão de recursos hídricos no município de Paramoti-CE. Teresina: Revista Equador, v.5, n.4, 2016. p. 75-92.
- Filho, Pedro Aguiar Nobre. Impactos ambientais da extração de areia no canal ativo do Rio Canindé Paramoti, Ceará. Revista de Geologia, v.24, n.2, 2011. p. 150-158
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Climap mudanças climáticas no bioma Caatinga: sensoriamento remoto, meio ambiente e políticas públicas. Neison Cabral Ferreira Freire et al. Recife: Editora Massangana, 2020. (Série Relatórios de Pesquisa, v.9, n.3).
- Godoi, Emília Pietrafesa de. A gramática da relação com a terra entre quilombolas do Maranhão e camponeses do Sertão do Piauí. *Ruris*, Campinas, SP, v.15, n.1, 2016. p. 13-36.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: panorama. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 20 maio 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Em 2023, um em cada três domicílios rurais era abastecido por rede geral de água. Agência de Notícias IBGE, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42292-em-2023-um-em-cada-tres-domicilios-rurais-era-abastecido-por-rede-geral-de-agua>. Acesso em: 20 maio 2025.
- MORAIS, Cecília. Ceará perde 72 mil moradores da zona rural em uma década. O Povo, 16 nov. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2024/11/16/ceara-perde-72-mil-moradores-da-zona-rural-em-uma-decada.html>. Acesso em: 20 maio 2025.
- Ribeiro, Marcela Arantes. O rio como elemento da vida em comunidades ribeirinhas. Pernambuco: Revista de Geografia (UFPE), v. 29, n. 2, 2012. p. 83-98.
- Santos, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec 1988.
- SANTOS, Milton. Territórios, território. In: SANTOS, Milton et al. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13–21.
- SILVA, José de Anchieta e. *Pentecoste e sua história*. 3. ed. 2013.
- Sousa, Gerlânia Maria Rocha. Capital social e desenvolvimento da agricultura familiar no Ceará. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- Schmidt, Maria Luísa Sandoval. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. Psicologia USP, São Paulo, v.17, n. 2, p. 11-41, 2006.